# DAS MÃOS, O SAPATO. DAS PALAVRAS, O TEMPO: UMA ETNOGRAFIA NAS RUAS E BAIRROS DE BELÉM-PA

Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da **Rocha**[1]

## Introdução[2]

Acurados no recôndito das oficinas e ateliês, mestres e aprendizes do ofício de sapateiro exercem por décadas a fabricação e/ou o conserto de calçados e artigos de couro na capital paraense[3]. Os trabalhadores da "arte dos calçados" [4] figuram junto às paisagens[5] do mundo urbano belemense e aos processos de transformação do espaço urbano engendrados ao longo do tempo: seja por meio do próprio ofício que atende a demanda dos habitantes da cidade e das práticas sociais que giram em torno de tal atividade; ou mesmo na qualidade de "guardiões da memória" (Benjamin, 1996), evocando a partir de suas narrativas, memórias de Belém(s) de outrora que emergem na experiência cotidiana e fazem vibrar as imagens do presente vivido pelos belemenses. A partir da atividade laboral e de suas vivências diárias, estes sujeitos apropriam-se do espaço urbano e (re)elaboram os arranjos sociais e suas rítmicas temporais, produzindo formas outras de viver a urbe.

Um olhar breve e menos atento sobre o cotidiano da cidade nos levaria a crer que por conta das mudanças na urbe moderno-contemporânea as atividades de caráter manual – e, de certo modo, "tradicional" – tal como o ofício de sapateiro, não constituiriam mais do que "profissões ultrapassadas", caminhando cada vez mais rumo

---

[1] Universidade Federal do Pará, Brasil.

[2] O presente artigo é resultado de uma etnografia realizada ao longo dos anos de 2012 e 2013 como desenvolvimento da pesquisa referente à produção de minha Dissertação de Mestrado em Antropologia (Rocha, 2014).

[3]Entre as narrativas dos interlocutores o recuo no tempo se lança aos anos 1960, o "marco inicial" de um processo particular de transformações que atingiu os sapateiros da capital paraense e que se estende aos dias de hoje. Não se pode negar a existência de um "antes-tempo" que ultrapassa a época destes mais recentes episódios da história do ofício de sapateiro em Belém, contudo, interessa neste trabalho refletir sobre um recorte temporal específico observado à luz das memórias destes trabalhadores.

[4] Proponho o termo "arte dos calçados" presente no subtítulo deste trabalho, partindo justamente da ideia de que o ofício de sapateiro constitui uma das "artes de fazer" (Certeau, 1994) conformadoras da dinâmica de práticas sociais da urbe moderno-contemporânea.

[5] Compreendo a ideia de paisagem enquanto fenômeno complexo da cultura (Silveira, 2009), que emerge como produto da relação entre seres humanos e meio, isto é, a dinâmica entre o espaço e as práticas sociais, tendo em vista que a paisagem é ação, é experiência do vivido, e não é apenas a imagem que o olhar humano contempla, pois o próprio ser humano, enquanto ser cultural configura a paisagem, no sentido de figurar junto (co-figurar). Para uma compreensão mais aprofundada acerca do tema, ver Silveira (2009).

às veredas do esquecimento ou mantendo-se apenas como "resquícios" de um *tempo* que já não tem mais seu *espaço* na "vida moderna". Explorando de forma mais detida a porção central da cidade de Belém, o cenário se desenha de forma bem distinta, pois a ideia comum de que a experiência humana nos grandes centros urbanos se mantém subsumida a uma realidade vertiginosa, panóptica e racionalizada não abrange a dimensão sensível e afetiva (Sansot, 1983) das interações cotidianas, onde um tempo linear que se impõe enquanto lógica de produção e de mercado é subvertido nas práticas do dia-a-dia, na efervescência de um "estar junto" (Maffesoli, 1998) e na tessitura das memórias de seus citadinos.

As paisagens da capital paraense revelam-se enquanto fenômeno complexo da cultura (Silveira, 2009) no intercâmbio de experiências espaço-temporais e no encontro de subjetividades e imaginários diversos. Do horizonte panorâmico dos prédios e arranha-céus dos bairros de Batista Campos e Campina anunciam-se a emblemática do "novo" e o ímpeto pelo "modernizar-se". Estas elevações portentosas, assentadas nos estilos mais contemporâneos, dividem espaço com a permanência/resistência de arranjos arquitetônicos de outrora, reveladores de uma cidade outra e seus tempos pretéritos, entre os quais desponta o casario antigo presente nas imediações dos bairros, construções que somam um século de fundação ou mais[6], onde em alguns destes velhos casarões funcionam oficinas e ateliês de calçados[7].

***

[6] Parte dos prédios e casarões que conformam hoje o centro-histórico de Belém é oriunda da Belle Époque paraense, período do início do século XX, ocasião da intendência de Antônio Lemos, que se propôs a "modernizar" a cidade aos moldes da capital francesa, Paris. Contudo, estes não são os únicos elementos arquitetônicos que evocam memórias acerca do passado da cidade: ainda hoje é possível encontrar igrejas localizadas nos bairros de Batista Campos, Campina, Comércio e Cidade Velha, que foram construídas entre os séculos XVIII e XIX; como também o Cemitério Nossa Senhora da Soledade, situado no coração de Batista Campos, e que fora inaugurado em meados do século XIX.

[7] A partir de etnografias realizadas no bairro de Batista Campos (Silveira, Rocha, 2013) e acerca da temática dos ofícios manuais (Rocha, Silveira 2013), observou-se a presença recorrente de atividades tradicionais – tais como o ofício de alfaiate, barbeiro, costureira, sapateiro, etc. – em prédios e casarões antigos, tendo em vista que na maioria das vezes os trabalhadores encontram nestes locais preços de aluguel mais acessíveis.

Fotografias de Manoel Cláudio Rocha

O caráter heterogêneo destas paisagens não se resume, porém, à concretude das edificações humanas. Por entre as diferentes práticas sociais que constituem o cotidiano destes bairros, os trabalhadores da "arte dos calçados" revelam-se possuidores de subjetividades complexas (Ortner, 2005), pois construídas no jogo das alteridades e na superposição de diferentes experiências espaço-temporais características do cotidiano belemense, e que concorrem, de certo modo, em oposição aos arranjos ordenadores do fenômeno urbano. As trajetórias sociais (Velho, 1999) destes sapateiros se constituem ao longo dos anos a partir de ações orientadas à consolidação de projetos pessoais (Velho, 1999) que ora de forma brusca, ora de uma maneira mais sutil contrariam as tendências normativas e reguladoras do viver a cidade. Com efeito, mais do que apenas uma manifestação de resistência às profundas transformações características da vida nas grandes metrópoles, a trajetória do ofício de sapateiro revela uma série de táticas (Certeau, 1994) [8] e negociações elaboradas por estes sujeitos, no sentido de melhor adaptar-se a uma dinâmica de mudanças, sem romper de uma maneira ríspida com um tipo de "tradição" relacionada ao saber-fazer característico dos ofícios manuais.

Deste modo, o trabalho em questão propõe reflexões acerca do ofício de sapateiro em Belém, partindo das narrativas de mestres e aprendizes que exercem a profissão na porção central da cidade, mais precisamente entre os bairros de Batista Campos e

[8] Segundo Michel de Certeau (1994), a cidade é palco de diferentes forças que dinamizam o espaço e suas transformações ao longo do tempo: de um lado, a experiência urbana é regulada e normalizada verticalmente pelo viés institucional, através do qual uma série de "estratégias" viabilizam o projeto e planejamento da urbe, tendo por resultando uma "cidade panorâmica", efígie da cidade que é redimensionada e ressignificada por meio da agência dos citadinos, que no fazer e inventar o cotidiano, elaboram "táticas" através das quais subvertem o ordenamento racionalizado imposto à experiência na cidade.

Campina, estendendo-se brevemente à Cidade Velha e ao Reduto[9]. Por meio das memórias destes trabalhadores envolvendo suas trajetórias profissionais e suas experiências de vida, busco investigar as formas através das quais a atividade em questão se modifica ao longo dos anos. Importa compreender, portanto, a dinâmica das práticas sociais e sua relação com as mudanças no espaço urbano e, por conseguinte, a conformação e transformação das paisagens da urbe moderno-contemporânea.

Seguindo os passos de uma "etnografia de rua"[10] (Rocha, Eckert, 2003), aventurei-me por entre travessas e avenidas por meio de caminhadas sistemáticas e regulares, registradas em diário de campo e com o auxílio da máquina fotográfica, identificando a presença de uma quantidade significativa de sapatarias concentradas entre Batista Campos e Campina. Ao longo do segundo semestre do ano de 2012, descobri oito oficinas aglomeradas na área comercial que circunda o shopping Pátio Belém, situado na Travessa Padre Eutíquio. Posteriormente, outros dois estabelecimentos que ultrapassam o recorte então definido para a etnografia – um situado no bairro da Cidade Velha, e o outro no Reduto – foram incluídos à pesquisa por conta das indicações dos próprios interlocutores[11].

***

[9] Os dois primeiros bairros constituem o recorte proposto durante os meses iniciais da pesquisa. Contudo, o diálogo em campo com os interlocutores conduziu-me a investigar duas outras oficinas, uma localizada no bairro da Cidade Velha e a outra no Reduto.

[10] O estudo aqui proposto parte da perspectiva da "etnografia de rua" (Rocha, Eckert, 2003), que pretende a partir do deslocamento pela cidade, descobrir os itinerários da urbe, bem como estabelecer percursos e caminhadas, que registradas com o auxílio de caderno de campo e da câmera fotográfica, permitam narrar as práticas e saberes dos sujeitos e grupos sociais inseridos no mundo urbano contemporâneo. Em outros termos, o recurso escrito e o imagético, utilizados conjuntamente como forma de apreensão da realidade social se apresentam não apenas como ferramentas de observação e descrição, mas como importantes meios de compreensão dos processos culturais, da dinâmica urbana, das sociabilidades vivenciadas na cidade, da forma como os sujeitos se apropriam e reinventam o espaço público, bem como os conflitos engendrados na urbe, que se apresentam como potência (des)ordenadora, configurando-se como possibilidade de transformação e conformação de novos arranjos nas paisagens urbanas.

[11] O que soma um total de dez oficinas. Segue a lista dos estabelecimentos: 1) "Zeno Calçados", na rua Gama Abreu; 2) "Oficina Ponto-a-Ponto", na rua Veiga Cabral, ao lado do Shopping Pátio Belém; 3) "Conserto & Cia", na rua Arcipreste Manoel Teodoro; 4) logo ao lado, encontra-se uma oficina onde o letreiro acima da entrada anuncia "Conserta-se sapatos malas e bolsas"; 5) "Oficina Arte", na Rua dos 48; 6) "Hospital dos Calçados", na avenida Conselheiro Furtado, próximo à Praça Amazonas; 7) na rua Padre Prudêncio encontra-se uma casa antiga onde uma pequena placa sinaliza "Sapateiro"; 8) "U.T.I das Malas, Bolsas e Calçados", uma localizada na rua Padre Prudêncio, bairro da Campina; 9) a outra situada na rua 16 de Novembro, bairro da Cidade Velha (indicada pelos interlocutores ao longo da etnografia); 10) "A Proletária", na rua Benjamin Constant, bairro do Reduto (também sugerida pelos interlocutores).

Fotografias de Manoel Cláudio Rocha

O deambular/passear pela urbe tem em vista descobrir a cidade por meio da fala dos passos perdidos (Certeau, 1994), a partir do diálogo com a proposta das errâncias urbanas (Jacques, 2006) e a metáfora do flâneur (Benjamin, 1989). Neste sentido, o caminhar pode ser compreendido como meio através do qual seja possível expandir o sentido da noção de espaço, na medida em que constitui uma prática que subverte as normas que disciplinam e regulam a experiência de lugar (Edensor, 2010). “Errar” pelos

itinerários do cotidiano (Jacques, 2006), seguindo percursos aleatórios, porém orientados pela intencionalidade do olhar etnográfico sugerem a possibilidade de apreender poeticamente a experiência espaço-temporal do urbano, vereda através da qual busco compreender os sentidos, significados e afetos experimentados no cotidiano dos belemenses e que, de uma maneira ou de outra, atravessam as trajetórias pessoais e coletivas trilhadas pelos sapateiros ao longo dos anos, e que convergem assim nas interações vivenciadas no interior das oficinas[12].

O diálogo com os interlocutores induziu-me à apreciação de suas narrativas acerca de suas trajetórias no ofício de sapateiro e à compreensão de rítmicas diversas que conduzem as temporalidades da cidade. Deste modo, o trabalho foi desenvolvido tomando por inspiração a proposta de uma etnografia de duração[13] (Rocha, Eckert, 2010), o que envolve uma reflexão alusiva ao plano dos jogos da memória, considerando a experiência etnográfica enquanto evento evocador de esquemas de pensamento e acervos de imagens relacionados à dimensão sensível e simbólica das formas sociais. Acionadas pelo ato de rememorar, as estruturas figurativas do intelecto humano promovem o vibrar das imagens que habitam o sujeito que narra: na tessitura poética das palavras, as reminiscências transbordam a fala do narrador e convergem em direção aos seus ouvintes, revestindo o presente vivido em rítmicas temporais superpostas. É no processo de adesão às imagens evocadas pelo interlocutor[14] que o antropólogo lança mão de uma via possível para a compreensão das formas sociais às quais os parceiros de pesquisa aludem em suas narrativas (Rocha, Eckert, 2010).

As imagens emergem enquanto artefato elementar da consciência e intelecto humano, constituindo papel fundamental nos processos de percepção e compreensão do

[12] A proposta de errâncias urbanas constitui, segundo Paola Jacques (2006), um tipo de "urbanismo poético" que se inclui entre as práticas sociais geradoras de uma apropriação sensível do espaço urbano. Como afirma Sansot (1983), abordar a dimensão sensível da experiência urbana constitui menos uma "metodologia", do que uma estratégia "subjetiva" interessada na compreensão das formas sensíveis da vida social. A própria metáfora do flâneur (Benjamin, 1989) é aqui retomada mais como inspiração para a experimentação do fenômeno urbano do que um modelo referencial de "método etnográfico".

[13] É também capital para esta pesquisa a proposta de "etnografia da duração" (Eckert, Rocha, 2001; Rocha, Eckert, 2011), compreendendo a cidade como "objeto temporal" possível de ser estudado por meio da perspectiva da memória. As narrativas de mestres e aprendizes do ofício de sapateiro, ao contar sobre suas trajetórias profissionais e suas lembranças a respeito das modificações pelas quais a cidade passou ao longo dos anos, revelam não apenas as transformações na divisão do trabalho e na lógica monetária resultantes da dinâmica econômica da urbe, como também podem desvelar as camadas temporais que cobrem os bairros de Batista Campos e Campina, evocando paisagens de outrora que acabam por atualizar a experiência presente por meio da memória.

[14] O que implica no fato de que o encontro etnográfico é a ocasião onde as imagens que transbordam pela narrativa do outro possam fluir em direção às imagens do pesquisador, pois que o próprio antropólogo é também habitado por elas.

mundo (Durand, 1989). Os pontos de linha feitos no couro, as pinceladas de tinta e cola, as marteladas sobre a sola do calçado dizem respeito não apenas ao fazer de um ofício, como também ao trabalho de inventar a cidade (Certeau, 1994) e produzir formas sociais (Simmel, 1983). Através do trabalho da memória (Bosi, 1994), a palavra narrada pelos interlocutores evoca tempos pretéritos que reverberam nas imagens que aludem aos arranjos do tempo presente, preenchendo o social com sentidos, emoções, significados e afetos revivificados e reatualizados por meio da dialética entre um tempo reflexivo e um tempo vivido (Rocha, Eckert, 2013). A questão é compreender como os sapateiros elaboram um tempo coletivo (Eckert, 2012) a partir do qual a duração (Bachelard, 1988) do grupo é "construída, pensada e projetada" (Eckert, 2012), A narrativa etnográfica aqui versada percorre os desejos, as frustrações, a saudade, os silêncios e esquecimentos que atravessam as lembranças dos sapateiros, na tentativa de esquematizar as constelações de imagens figuradas nas histórias contadas por estes trabalhadores e compreender como suas memórias reordenam as lacunas do tempo e nutrem a possibilidade de continuidade do ofício.

## As oficinas do mundo urbano belemense

A experiência de aproximação junto ao cotidiano das oficinas de calçados da capital paraense se estendeu ao longo do ano de 2013. Neste período passei a frequentar com relativa regularidade os espaços de trabalho dos sapateiros, o que variava de acordo com a abertura possibilitada pelos próprios interlocutores. Era imprescindível estar a atento à maneira através da qual estabelecia, ou melhor, como "negociava" o diálogo com os interlocutores. Minha preocupação era aprofundar o quanto pudesse o contato com os sapateiros no interior das oficinas e passar ali o maior tempo que conseguisse, porém, tentando interferir o mínimo possível na dinâmica cotidiana do lugar. Partindo destas prerrogativas, privilegiei a etnografia realizada em quatro espaços em particular: a "Zeno Calçados", circunscrita no bairro da Campina; a "Oficina Ponto-a-Ponto", situada em Batista Campos; a "U.T.I. das Malas, Bolsas e Calçados", no bairro da Cidade Velha; e "A Proletária Sapataria", localizada no Reduto.

Caminhando pela rua Gama Abreu, entre os arredores da Paróquia da Santíssima Trindade e do Colégio IEP, uma das mais tradicionais e antigas escolas de Belém,

encontro uma dessas quatro oficinas[15]. A placa à frente sinalizava o nome "Zeno Calçados" e junto ao nome estava a imagem de um sapateiro trabalhando e exibindo um sorriso farto. Vários sapatos masculinos e femininos à mostra decoravam a entrada do lugar. Empilhados em uma armação de ferro que servia como mostruário, estes se apresentavam como a linha de calçados fabricados ali na oficina. O sapateiro do anúncio era Seu Zeno, proprietário do estabelecimento e um dos interlocutores de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois a partir dele conheci alguns dos demais interlocutores e outras oficinas da cidade. Além de Zeno, tive a oportunidade de dialogar com seu filho, Sidnei, e com os sapateiros que ali trabalham: Francisco, Nazareno, Diego e Zezão.

A algumas quadras de distância da Zeno Calçados, nos baixos de um casarão antigo localizado na rua Veiga Cabral, bem ao lado do shopping Pátio Belém, encontra-se a "Oficina Ponto-a-Ponto". O letreiro indica que ali realizam-se serviços de costura e reparo de roupas, bem como o trabalho referente à fabricação e conserto de calçados. Na primeira sala trabalham o alfaiate Gilmar em companhia de algumas costureiras. É no último cômodo que está o sapateiro Zé Luís, trabalhando em companhia de suas ferramentas e da sua máquina *typical*, cercado por pares de sapatos, sandálias, bolsas e mochilas, objetos espalhados em estantes ou sobre as mesas esperando o conserto. Recortes de couro tingidos nas mais variadas cores cobrem o chão de cimento daquela pequena sala. Zeno e ele são amigos de infância. Seus primeiros passos no ofício ocorreram sob os ensinamentos de Seu Nilton, pai de Zé Luís. Ele é auxiliado por Chiquito, senhor que trabalhou em várias oficinas – inclusive na própria Zeno Calçados e na "Proletária" – e que em outras épocas exerceu a função em pequenas fábricas de calçados da capital paraense.

Por indicação de Zeno e Zé Luís, ampliei o escopo da pesquisa a fim de conhecer as oficinas "U.T.I. das Malas, Bolsas e Calçados" e "A Proletária Sapataria", que segundo eles eram espaços onde ainda trabalhavam senhores de uma geração mais antiga. "Tens que ir lá com o Seu Anacleto também. Ele é bem antigo, olha!", dissera-

[15] Ainda nos arredores do bairro da Campina, localizei outras oficinas – como por exemplo, a "Conserto & Cia", a "Oficina Arte", uma segunda "U.T.I. das Malas, Bolsas e Calçados" – algumas administradas por sapateiros conhecidos de Seu Zeno e que inclusive já trabalharam com ele, como David, Ezequiel e Lázaro. A concentração destas oficinas e as relações estabelecidas entre estes sujeitos sugere o pertencimento deste grupo específico ao quadro maior de uma "comunidade de destino" (Maffesoli, 2006), na medida em que agrega as experiências sociais de diferentes indivíduos que compartilham os meandros de uma trajetória profissional em comum.

me Seu Zeno. Seguindo seu conselho, descobri a primeira destas duas na Avenida 16 de Novembro, no bairro da Cidade Velha. Um pequeno corredor segue a porta de entrada da oficina. Este leva à sala onde trabalham os sapateiros. De frente para este corredor, por detrás da mesa coberta por ferramentas, potes de cola, bolsas danificadas e pares de sandálias velhas estava sentado Seu Bené na manhã em que adentrava pela primeira vez aquela oficina. Bem à vontade no espaço de labuta, vestindo apenas uma bermuda *jeans*, mostrava-se pouco preocupado com qualquer formalidade acerca da indumentária. Divisava através das lentes dos óculos os detalhes da sola de uma sandália, enquanto executava pinceladas de cola com os próprios dedos sobre o material. Mais ao fundo, outro sapateiro se dedicava a costurar uma bolsa feminina sub a agulha da máquina typical. Ele também estava vestido de forma simples, apenas de bermuda e chinelos nos pés[16]. Às suas costas, pilhas e pilhas de malas cobriam uma das paredes do lugar. Este era Seu Anacleto, senhor de 74 anos de idade, proprietário da oficina. Enquanto conversávamos ele me fitava por sobre os óculos, com um olhar sério e penetrante, postura que iria se repetir em outras ocasiões.

Nas ruas do Reduto, vislumbrara cenários semelhantes aos arranjos do bairro da Campina: casarões e prédios antigos figuram junto às construções mais contemporâneas, conformando uma paisagem onde diferentes rítmicas temporais encontram-se superpostas. Em uma das esquinas deparo-me com a placa anunciando a existência de uma oficina de sapatos ali próximo. Sobre um toldo amarelo lia-se "Sapataria Piedade". Ao fim do quarteirão seguinte, deparei-me em certa ocasião com alguns senhores tomando café e lendo jornal nos bancos de uma padaria: a própria rua vestia, por assim dizer, a aura da idade avançada, nas velhas construções e nos rostos enrugados daqueles citadinos. Na rua Benjamin Constant encontro "A Proletária": ali pude ouvir dos irmãos Pedro e Luís suas histórias de vida, senhores de 78 e 76 anos respectivamente, que trabalham como sapateiros desde a infância, aprendendo o ofício com o pai, que quando vivo, teria sido dono de uma pequena fábrica de calçados (que

[16] Era comum encontrar vez ou outra os sapateiros vestindo indumentárias mais simples, não apenas na oficina de Seu Anacleto, como também na de Zé Luís: trabalhar sem camisa era uma das maneiras de suportar o calor e o clima abafado do interior das oficinas. O que era diferente na "Proletária", onde os irmãos Pedro e Luís preocupavam-se em atender seus clientes sempre bem vestidos: calça e sapatos sociais acompanhados de camisa polo. Na Zeno Calçados deparei-me com um pouco dos dois cenários: Diego e Zezão trabalhavam numa sala mais ao fundo, perceptivelmente mais quente, o que explica o fato de várias vezes encontrar Diego trabalhando sem camisa. Na sala mais a frente contudo, onde trabalhavam Francisco, Nazareno, Zeno e Sidnei, era necessário estar vestido adequadamente pois ali eram recebidos os clientes.

hoje já não funciona mais) e da oficina de consertos hoje administrada pelos filhos e que mantem-se de portas abertas desde o ano de 1940.

Fotografias de Manoel Cláudio Rocha

Por meio de visitas continuadas às oficinas tive a oportunidade de acompanhar o cotidiano daqueles espaços, observando as atividades de trabalho – que consistem, de modo geral, nos processos de fabricação e conserto de calçados, além da manutenção de malas, bolsas, cintos, artigos de couro e derivados. Além disso, foi possível apreciar as manifestações de sociabilidades (Simmel, 1983) que acrescem caráter lúdico à labuta dos sapateiros: enquanto assistia aqueles senhores trabalhando, participava de momentos sociáveis entre eles e seus clientes. O clima descontraído e acalorado das brincadeiras, piadas e chacotas temperam uma disciplina e ética do trabalho que conduzem a organização da sapataria a partir da dimensão das formas sensíveis (Sansot, 1983) que envolvem as interações sociais. Deste modo, importa a este estudo vislumbrar a maneira como o ofício de sapateiro revela a agência[17] (Ortner, 2005;

[17] A noção de agência aqui utilizada é tomada de empréstimo das reflexões de Sherry Ortner (2007), que pode ser compreendida como a ação distinta dos hábitos rotineiros pois orientada por uma

Ortner, 2007) dos citadinos no sentido de dinamizar o mundo urbano, transformando a cidade em meio praticado (Certeau, 1994) por meio de um saber-fazer específico e um "saber viver" (Malheiros, 2006) relacionado ao estilo de vida destes senhores.

## Da fabricação ao conserto: uma trajetória de mudanças

As diversas historietas evocadas pelos interlocutores a partir do ato de rememorar, reconstituir e narrar um passado comum ao grupo conformam uma trama complexa que insinua as marcas da trajetória do ofício de sapateiro em Belém. Cada relato particular presenteia com lembranças únicas um quadro maior onde estão amarradas as memórias que evocam o passado da profissão e que, por conseguinte, fulguram na experiência vivida no tempo presente pelos sapateiros belemenses.

As memórias que emanam por meio das palavras destes senhores revelam uma sequência de acontecimentos que se iniciam na década de 1960, envolvendo transformações políticas e econômicas no país e que tiveram influência direta ou indireta no mercado dos calçados na capital paraense ao longo das três décadas seguintes e que culminaram em uma crise do setor coureiro-calçadista a nível nacional nos anos 1990. No destrinchar destes processos de mudança que levaram o ofício de sapateiro ao cenário contemporâneo, emergem também em suas narrativas o entrecruzar de trajetórias sociais (Velho, 1999) e as "táticas" (Certeau, 1994) elaboradas por estes sujeitos, no sentido de lidar com o "campo de possibilidades" (Velho, 1999) que a vida cotidiana na urbe coloca aos citadinos, bem como as lacunas que cercaram os percursos da transmissão transgeracional de saberes e conhecimentos relativos à atividade, descontinuidades que tornaram, segundo os interlocutores, cada vez mais difícil o surgimento de novas gerações de sapateiros, comprometendo então a continuidade da profissão.

---

*intencionalidade* específica e mais ou menos consciente, que corresponde à capacidade dos sujeitos de intervenção no mundo tendo em vista metas/objetivos específicos, assim como suas motivações subjetivas, no sentido de perseguir "projetos", assim como de agir no contexto de relações de assimetria e oposição de forças sociais (Ortner, 2007). Segundo a autora (Ortner, 2005), a agência não constitui uma vontade universal ou um atributo inerente à natureza humana, na medida em que emerge através e direcionada para as interações sociais: a agência dos sujeitos é construída de acordo com sua época, a sociedade e seus arranjos. Sendo assim, a agência dos sapateiros da capital paraense é orientada por subjetividades (Ortner, 2005) configuradas na própria experiência da urbe moderno-contemporânea e constituem ao mesmo tempo a sua possibilidade de rearranjo e transformação.

Dentre os diferentes relatos provenientes das narrativas dos parceiros da pesquisa e as diversas versões acerca dos processos de mudança é possível identificar certos elementos recorrentes. O principal destes é, certamente, a queixa com relação aos "sapatos do sul": seja entre os sapateiros "veteranos" ou entre aqueles de meia idade, a entrada de artefatos e matéria-prima oriundos dos polos da indústria coureiro-calçadista das regiões sul e sudeste do país (tendo como núcleo a região do Vale dos Sinos e a cidade de Franca, respectivamente)[18] constituiu um dos grandes abalos à estrutura da produção calçadista em Belém.

> SEU ANACLETO: Olha, isso tem mais de 40 anos… Desde que os cara abriram essa estrada aí, como é? Belém-Brasília […] Aí foi que veio sapato do sul tudo aí… Novo Hamburgo… Franca… muito sapato. Aí não teve como "pro" cara aqui em Belém fabricar sapato […] Era tudo mais barato e os cara ainda vendia a prazo, pra pagar só com um mês, dois. Aí acabo pro fabricante daqui […] Aqui em Belém? Não tinha como… Desde 1960 que começou a ficar ruim. Os curtume na época, foram tudo fechando… Aí já viu. Não tinha nem matéria-prima "pra" trabalhar… Tudo vinha de fora […] Essas loja aí compravam do artesão. Compravam direto aqui das oficina. Não tinha essa coisa de fábrica estrangeira.

As narrativas de Seu Anacleto sugerem como "o início do fim" a implementação da rodovia Belém-Brasília na década de 1960[19]. O velho sapateiro argumenta que a inauguração da estrada foi responsável pelo início de um processo de decadência que afligiu os fabricantes de calçados da capital paraense e até mesmo os curtumes de couro locais. Foi durante este período que "os sapatos do sul" tornaram-se aos poucos o produto predominante no mercado calçadista belemense, na medida em que acumulavam uma série de vantagens em relação aos produtos locais – produção em maior escala, menores custos – colocando até mesmo as grandes oficinas e sapatarias de Belém à margem da concorrência.

Com efeito, a perda de espaço para a concorrência agravou-se ao longo das três décadas seguintes. Entre os anos de 1990 e 2000, não apenas "os sapatos do sul" concorriam com a fabricação local: produtos de outras regiões do país e mesmo de

[18] A bibliografia pertinente a esta questão indica que o desenvolvimento de Franca e Novo Hamburgo enquanto polos da indústria coureiro-calçadista foi resultado de pesados investimentos do capital estrangeiro, que em três décadas transformou o Brasil em um dos principais fornecedores de produtos do gênero para o mundo. A produção brasileira tornou-se inclusive a principal exportadora de calçados para o mercado norte-americano. Contudo, as transformações políticas e econômicas de caráter neoliberal, iniciadas na presidência de Fernando Collor de Mello e que reverberaram no mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso provocaram o deslocamento do capital estrangeiro para a indústria coureiro-calçadista chinesa (Lagemann, 1986; Lima, 2008; Moser, Martins, 2013; Nunes *et al*, 2013).

[19] A rodovia foi inaugurada em fevereiro de 1959, mas são os meados da década seguinte que ficaram marcados na memória do sapateiro Anacleto.

países do continente asiático passaram a figurar por entre as vitrines de muitas das lojas em Belém. É a partir da década de 1990, segundo os interlocutores, que os serviços de conserto e reparo de calçados adquirem destaque dentro do ofício de sapateiro e emergem como solução para o quadro de crise em que se encontravam, viabilizando uma alternativa eficaz no sentido de ampliar a renda destes trabalhadores.

> ANACLETO: "Quem ia pensar que aqui ia chegar sapato da China?".

> CHIQUITO: Aí depois de 90, aí quando [a fabricação de calçados] foi já acabando, com esse negócio de tênis. Era muito tênis. Aí as fábrica foi, as fábrica do sul dava prazo, né, 70 dias, 80 dias, até 90 dias. Primeiro 30 dias, 60 dias, aí depois já foi pra 90. Aí tinha as carreta lá do Rio… Novo Hamburgo, Fortaleza. Aí aqui acabou a fabricação de sapato, né. Aí entrou mais conserto. Aí no caso Belém hoje em dia, Belém, aqui a capital Belém, é mais conserto que tem. Fábrica, fabricante no caso é bem poucas pessoas, sabe. Bem poucas pessoas. Os que tem por aí tão se arrastando.

Relatos sobre as profundas mudanças ocorridas no período da presidência de Fernando Collor de Mello revelam algumas percepções e impressões comuns entre alguns dos sapateiros. Momento de grande depressão econômica, o início dos anos 1990 foi um período delicado na trajetória dos sapateiros em Belém. Os escândalos de corrupção durante o governo de Collor marcaram as memórias destes trabalhadores: se durante a década de 1980 o negócio calçadista já se tornava cada vez mais difícil de administrar, a partir do momento em que os brasileiros tiveram o dinheiro de suas poupanças confiscado, grande número de pequenos e grandes empreendedores foram levados à falência, dentre estes vários dos fabricantes de calçados da capital paraense.

> ZÉ LUÍS: Nessa época, eu também parei, foi na época que o Collor começou a prender o dinheiro do pessoal, aí pronto começou, aí eu fui, fiquei trabalhando em casa, fiquei só fazendo pouca coisa. Aí depois fui, o negócio tava tão ruim, aí eu peguei, foi que eu vim trabalhar com o "Zena".

> ZENO: Aí foi aí que veio a minha área. Fui entrar e fui trabalhar dois anos e cinco meses com um cearense de nome Aldenor. Qualquer dia desses vou aproveitar, vou visitar ele. Vou dizer que a planta, a árvore que ele plantou deu frutos, né (…) O negócio era dele, ele entregou, mas ele não me entregou assim, ele abandonou e eu que tive coragem assim, e assumi. Em 1991, quando o Fernando Collor assumiu […] Fui lá no Banco do Brasil ai o cara me disse: "Olha cara eu vou te ajudar, mas tu é muito corajoso". Ninguém queria se meter num negócio quando o Fernando Collor assumiu. Ninguém queria. Mas o que aconteceu? Ele deixou o povo sem anda. Eu não tinha nada, né. Então não tirou nada de mim. Agora eu vou começar do zero!

A manutenção de calçados e artigos de couro em geral já existia em pontos específicos da cidade e em menor escala, contudo, é durante os anos 1990 que a atividade desponta como a solução viável que viria amenizar as dificuldades que o cenário urbano apresentava para estes senhores. Oficinas especializadas no reparo abriam as portas e iniciavam um novo capítulo na trajetória do ofício de sapateiro no mundo urbano belemense. Se até então, os únicos sapateiros conhecidos dentre o grupo que trabalhavam exclusivamente em tal ramo eram os irmãos Pedro e Luís, que trabalhavam no bairro do Reduto, a década de 1990 revelou-se o palco onde sapateiros como Zeno e Zé Luís ousaram inovar, seguindo o exemplo dos sapateiros da "Proletária", levando o serviço de conserto para os bairros centrais da cidade e demais áreas.

> ZENO: Na primeira semana, sucesso total. Na segunda, aí já entrou a fase do conserto. Fabricação e conserto. Que foi aonde explodiu todo o auge aqui, só quem tinha trabalho com conserto era lá na "A proletária". Lá na 28 de setembro, com a Quintino. Sessenta anos de tradição. Lá eles só faziam coisa de conserto. Era o único que existia. "Vamos começar a fazer aqui!". Ai foi onde nós começamos a fazer aqui. Fabricar e consertar. Eu fui o primeiro aqui na área […] Sapateiro que tinha negócio de consertador era aquele de beira de rua, entendeu? Existia que era o engraxate e sapateiro. Isso ai existia tudo nos anos setenta. Mas em pontos aqui mesmo, não existia nenhum. Não tinha ninguém que… Ai quando foi que viram a gente fazendo ai, ai que começou a se expandir na cidade […] Conserto não dá prejuízo. De jeito nenhum. Mesmo que não venham buscar, o que fica ai. Dá um retorno muito grande, na faixa de setenta a oitenta por cento do geral do mês. Já a fabricação não, a fabricação é dez, quinze, vinte por cento no máximo.

> CHIQUITO: O conserto tomou conta mesmo geral. Porque é mais vantagem consertar do que tu fabricar. Porque se tu for fazer sandália é… fazer sapato, os cara não querem comprar do teu, porque o lá do sul é mais barato, né. E conserto não, "cê" vem aqui encomenda um sapato desse, uma bota, é um preço. E o material que vem de lá também não presta. O conserto tomou conta mesmo geral. Aí foi mudando, né. Mudou… Mudou… Mudou… Hoje em dia é mais mesmo é conserto.

Como conta Zeno, depois de sua iniciativa as outras oficinas do bairro da Campina e da porção mais central da cidade passaram a aderir ao trabalho com o reparo de calçados. Tal movimento constituiu uma mudança gradual, mas profunda e significativa, pois estes sapateiros enfrentaram a ideia de trabalhar com algo que sob a perspectiva dos mestres mais antigos caracterizaria uma atividade menos honrosa que a

fabricação[20]. Este processo de transformação configura um dos elementos cardeais que garantem a presença/permanência do ofício de sapateiro no mundo urbano belemense.

## A transmissão transgeracional do saber-fazer e suas lacunas

Narrando suas histórias de vida, os interlocutores esboçam as trilhas percorridas pelo ofício de sapateiro no decorrer do tempo e os novos arranjos que assume a cada dia em meio à dinâmica da urbe moderno-contemporânea. A fala destes senhores revela que a arte dos calçados já não respira com o mesmo fôlego de outrora. Seus relatos sugerem que a presença/permanência de quantidade significativa de oficinas e ateliês conforma muito mais que resíduos ou reminiscências do passado da profissão, porém, ainda assim, é cada vez menor se comparada ao "tempo bom 'pra' sapato".

Tal como argumentam Anacleto, Zé Luís, Zeno, os irmãos Pedro e Luís, o problema maior talvez seja a dificuldade em revigorar o ofício com uma nova geração de sapateiros, ou pelo menos, formar de maneira adequada bons "operários" capazes de administrar novas sapatarias. De acordo com estes senhores, os funcionários mais jovens não apresentam o mesmo empenho e engajamento para seguir o ofício como eram os aprendizes de décadas atrás. Zeno fala sobre sua própria trajetória: a primeira vez que trabalhou numa oficina de sapateiro foi aos dez anos de idade, e até hoje é a atividade que tem prazer em exercer.

Ao comparar a disciplina no trabalho hoje em relação a algumas décadas atrás, Seu Zeno enfatizou tal carência de engajamento dos jovens de hoje. Ele conta que é possível encontrar alguns sapateiros mais jovens que aprendem o ofício com os mais velhos e quando não se acostumam com as regras da oficina, decidem começar o próprio negócio. Porém, estes geralmente são descuidados com o próprio estabelecimento: não abrem todos os dias, somente quando bem entendem, não tem horário fixo, postura que geraria uma relação ruim com os clientes e contribuiria para o fomento de uma imagem negativa relacionada ao ofício de sapateiro.

Na perspectiva de Seu Pedro, instruir-se no ofício de sapateiro implica em uma longa marcha a passos lentos, que como já havia me dito Zeno, requer "muita

[20] Em alguns casos, os sapateiros da "geração dos veteranos" se viram obrigados a passar por cima do próprio orgulho. Seu Anacleto é um destes senhores que iniciaram no ofício em uma época que antecede a de Zeno, porém, trabalha hoje em dia exclusivamente com os serviços de conserto.

paciência" por parte do principiante e vontade para aprimorar suas técnicas. A própria história do filho de Seu Tibúrcio[21] serve de exemplo: de modo curioso, o sapateiro conta que apesar de trabalhar com calçados desde os quinze anos de idade – lembrando que passara os anos anteriores de sua infância recebendo os ensinamentos do pai – só chegou a aprender, de fato, após uma quinzena de anos de *sacrifício* trabalhando e acumulando conhecimentos. No ano de 1966, quando já alcançara a altura dos trinta anos de idade, ele deixou a condição de "aprendiz", por assim dizer, e tornou-se realmente um *operário*.

> SEU PEDRO: Aprendi em sessenta e seis. Meu irmão também (…) Só fui aprender tudo já com muitos anos. E é assim: vai trabalhando, vai aprendendo […] O ofício é isso: sacrifício. Tem que trabalhar muito até aprender. Sem sacrifício não tem como o cara aprender de verdade.

> Operário mesmo não tem mais em Belém. Todos que vem pra cá é pra aprender. Aí depois que já aprende, vai embora (…) E é assim hoje. O cara nem bem aprendeu, já quer abrir a oficina dele. Ainda nem sabe trabalhar, já quer abrir uma sapataria.

Seu Pedro argumenta que uma das virtudes necessárias ao "bom sapateiro" é a capacidade de se *sacrificar* pelo ofício. Ele compreende que o indivíduo que não estiver disposto a gastar tempo e dedicação no sentido de engajar-se na atividade, dificilmente obterá sucesso em sua carreira e, menos provável ainda, chegará o dia em que ele se tornará "um sapateiro de verdade". Este sacrifício significa anos trabalhando na condição de aprendiz, ajudante ou auxiliar, período durante o qual deve procurar nos mais velhos a maior quantidade possível de lições, conselhos e direcionamentos. Este aprendizado era algumas vezes, custeado pelo próprio iniciante, o que poderia significar o pagamento em certa quantia em dinheiro ao proprietário da oficina e/ou professor, ou em outras circunstâncias, o aluno trabalhava sem remuneração durante certo período de tempo[22]. Este percurso é, de acordo com Seu Pedro, fundamental para que o neófito na

[21] Seu Tibúrcio foi o sapateiro que inaugurou "A proletária" em 1940, quando além da oficina de consertos, funcionava uma pequena fábrica de calçados. Ali ele instruiu os seis filhos no ofício que hoje é mantido pelos irmãos Pedro e Luís. Entre os seis, três eram mulheres. Infelizmente a etnografia não aglutina dados suficientes para uma discussão mais aprofundada acerca da presença feminina nas oficinas, o que poderia nos levar a repensar a premissa da predominância masculina no ofício de sapateiro.

[22] Este processo exemplifica um antigo hábito bastante comum ao ofício de sapateiro e outras formas de atividade manual/artesanal (Malatian 1996). A respeito desta prática, Zé Luís conta que ao longo dos anos seu pai recebera em sua oficina muitos pais que traziam seus filhos e lhe pagavam certa quantia para que lhes ensinasse o ofício. Zeno iniciou sua história como sapateiro desta forma, quando seus pais o levaram

arte dos calçados possa no futuro tomar o lugar daquele que um dia teria sido seu mestre.

De acordo com Zé Luís, são poucos os jovens que seguem carreira no ofício no cenário contemporâneo. Não obstante seus esforços para transmitir para os mais novos os conhecimentos relativos à atividade com calçados e as várias tentativas de levar rapazes para sua oficina para que estes aprendam aquela ocupação, são raros os garotos que se interessam pela oportunidade. E mesmo nas vezes que estes rapazes aceitam a proposta do sapateiro, são grandes as chances de desistência, proporcionada em muitos casos pela falta de paciência com o caráter gradativo, repetitivo e demorado do processo de transmissão dos saberes do ofício de sapateiro. Na opinião de Zé Luís, se a cada ano diminui o número de sapateiros na capital paraense, isto ocorre, em parte, por conta da dificuldade no sentido de transferir o ofício para as próximas gerações. Aprender o ofício de sapateiro é, segundo ele, uma oportunidade que pouco interessa à juventude dos dias atuais.

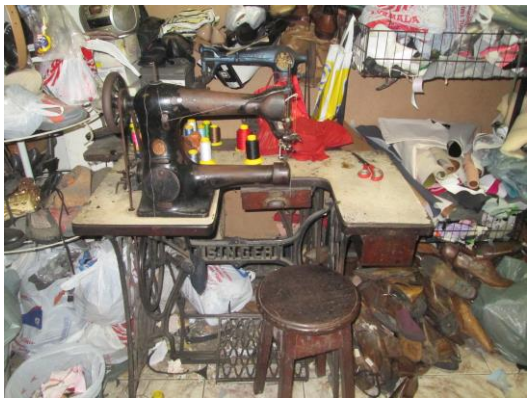
## Ofício e sociabilidade: a oficina enquanto espaço sensível

O chão encardido da oficina se vê coberto pelas cores de uma porção emaranhada de diferentes tiras e recortes de couro. Por detrás do balcão e sobre as estantes e mostruários espalham-se incontáveis sacolas onde estão guardados pares de sapatos, tênis, sandálias, enquanto que em outros embrulhos encontram-se bolsas e mochilas. Escoradas à parede, podem ser vistas também algumas malas e bagagens de grande tamanho. Dentre os diversos artefatos, algumas peças anseiam pelo conserto, enquanto outras já prontas, apenas esperam o retorno de seus donos. Nas paredes do lugar, o relógio marca as horas junto à fotografias emolduradas e pequenos quadros, dividindo o espaço com salmos e passagens bíblicas, cartazes e calendários de gênero religioso, quase sempre em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, a padroeira dos paraenses.

Sobre as mesas de trabalho repousam as ferramentas do artesão: uma faca preparada pelo próprio sapateiro a partir de uma lâmina de serra soldada a um punho de alumínio; um martelo, uma torquês; pequenos pincéis próprios para o tingimento do couro e outros de tamanho maior destinados à colagem. Além do instrumental de

com apenas oito anos de idade à oficina de Seu Nonato. Mais tarde, aos doze, passou a aprender o ofício com Seu Nilton, pai de Zé Luís.

trabalho, rolos de linha, potes de cola e latas de tinta; recortes de couro e tiras de sola, saltos de sapatos femininos e outras peças de calçado; algumas sandálias e sapatos danificados; alguns modelos passando pelos últimos retoques do fabrico ou conserto. O burburinho ao fundo, imiscuído de vozes arranhadas por ruídos e falhas de transmissão, vem do rádio sintonizado na programação de uma emissora local.



Fotografias de Manoel Cláudio Rocha

O sapateiro manuseia com notável destreza a peça de calçado tecida em couro marrom sob a agulha da *typical*, enquanto dita o ritmo dos pontos impulsionando a roda através de sutis movimentos cingidos pela mão oposta. Ao mesmo tempo, pressiona com os pés a plataforma sob a mesa da máquina, conduzindo com sábia leveza os intervalos entre pausas e retomadas que perfazem o fabrico. O corpo inteiro, sua ferramenta primeva, compromete-se com aquela feitura. Sua técnica ultrapassa a carne e se estende ao metal do instrumento, percorre os fios da linha, repousa sobre o artefato e mais tarde desvela um admirável par de sapatos.

Nas oficinas e ateliês de calçados da capital paraense, tive o privilégio de vislumbrar a rotina laboral de senhores versados na arte dos calçados. Porém, além de constituírem ambientes de trabalho, esses espaços são prenhes de uma dimensão sensível que emerge das formas como o saber-fazer característico do ofício se imprime por meio do gesto técnico (Leroi-Gourhan, s/d; Focillon, s/d) e nas manifestações de sociabilidades (Simmel, 1983) traduzidas nas constantes brincadeiras e chacotas entre os trabalhadores e seus clientes. Uma gama de elementos de caráter microssociológico compositores de uma poética que ressignifica as atividades de labuta por meio do lúdico e das afetividades, elementos que turgem as interações entre os sujeitos com imagens sensíveis.

Fotografias de Manoel Cláudio Rocha

A disciplina e a ética (des)ordenadoras de um tempo do trabalho e mesmo de seu valor, são redimensionadas a partir das relações vivenciadas no âmbito da oficina. Nos pontos de linha que por meio da agulha atravessam o calçado, nos movimentos dos

dedos úmidos de cola sobre a superfície do couro, em cada martelada que leva os pregos a perfurar a dureza da sola, os sapateiros do mundo urbano belemense reinventam poeticamente seu espaço de trabalho e a própria experiência de viver a urbe moderno-contemporânea.

Ao recordar os seus primeiros anos no ofício, Zé Luís revela que a oficina de seu pai constitui mais do que apenas um espaço de trabalho. Segundo o sapateiro, a relação entre os trabalhadores mais velhos e seus jovens aprendizes aliava a rigidez e firmeza dos ensinamentos, "puxões de orelha" e chamadas de atenção, com as chacotas, piadas e trotes que espaireciam a tensão da labuta. Logo, o processo de aprendizado iniciava os sapateiros mais novos nas sociabilidades engendradas ali na oficina, por meio das quais o intercâmbio de experiências – além de promover a transmissão transgeracional de um saber-fazer – propicia a transferência de valores morais e de um "saber viver": "Zeca" – como também é chamado pelos amigos – afirma que ali na "Calçados Iracema" ele aprendeu não apenas a ser sapateiro, como também "aprendeu a ser homem"; na opinião dele, o sapateiro digno deve trabalhar duro e de forma honesta, e do mesmo modo deve portar-se em qualquer situação da vida.

> ZÉ LUÍS: Na minha época mesmo, assim, que era rapazinho, os pais eles levavam numa oficina, iam onde que tivesse uma oficina: "Olha, deixa o meu filho aí, tal, eu dou uma ponta" e pagavam! E o moleque trabalhava, trabalhava, faziam sacanagem com ele. Cansei de ver, o operário fazia sacanagem com o moleque, era chamado de "candango". Era o apelido de ajudante, era candango antigamente. Mas eles penavam, cansei de ver nego penar. Hoje em dia não.

O ofício de sapateiro revela seus atributos de "arte de fazer" (Certeau, 1994) a partir do momento em que constitui uma prática social através da qual os sujeitos ao mesmo tempo que rearranjam o espaço e reelaboram o sentido de viver a cidade, aperfeiçoam e aprimoram o gesto e a técnica, assim como constroem e remodelam a própria identidade do grupo todos os dias. Instruir-se na "arte dos calçados" implica, portanto, o processo de "fazer-se" (Vedana, 2013) sapateiro, "no sentido de um métier construído cotidianamente a partir de uma experiência compartilhada" (Vedana, 2013: 41), que resulta não apenas no aprendizado de um saber-fazer, como também na construção de um sujeito ético-moral, logo, no elaborar de um "saber viver" concernente à maneira como o artífice escolhe desfrutar o vivido.

## "A fé do sapateiro": a "arte dos calçados" e o sagrado

> SEU LUÍS: Todos os seis [irmãos[23]] trabalhavam com sapato. Todos os seis. Aí, as moça foram crescendo, se casaram. E a família foi se dividindo, né. Os único que tá de pé aqui somos nós dois. Ele tá com setenta e…oito anos, eu tô com setenta e seis. Enquanto o Grande quiser, nós "tamos" aqui.

Das palavras sobre o "Grande" presentes na fala de Seu Luís acima transcrita emergem imagens da fé do trabalhador depositada na providência divina, aspecto importante que ilumina a questão acerca da presença do sagrado nas oficinas de calçados em Belém. Sem exagero algum, posso afirmar que em todos os ateliês que frequentei ao longo do trabalho de campo, apreciei a presença de variados tipos de objetos e acessórios de caráter religioso, elementos que revelam uma série de vínculos simbólico-afetivos (Silveira, 2009) que estes senhores estabelecem por meio de sua atividade laboral com a ordem do sagrado (Durand, 1995).

Calendários e cartazes decorados com as representações de santos e santas enfeitam as paredes do espaço de trabalho destes sapateiros. Estes dividem espaço com mensagens religiosas e salmos bíblicos impressos em folhas de papel que acabam por conformar uma espécie de mural sobre o qual estes trabalhadores guardam sua devoção. Em algumas oficinas é possível até mesmo encontrar exemplares e imagens das santidades, assentadas em pequenos e singelos altares. Em meio a esta variedade de artefatos de caráter religioso, cartazes do Círio de Nossa Senhora de Nazaré de diferentes anos revelam a fé destes artífices para com a padroeira dos paraenses.

Fotografias de Manoel Cláudio Rocha

Na obra *A fé do sapateiro*, Gilbert Durand (1995) reflete acerca do embate entre a possibilidade de uma "experiência simbólica autêntica" com relação à existência de uma

[23] No trecho Seu Luís se refere aos três filhos e às três filhas de seu pai, Seu Tibúrcio. Os seis irmãos, homens e mulheres, aprenderam o ofício com o patriarca e exerceram a atividade ali na "Proletária".

"mentalidade científica e técnica", que tem como decorrência o desagrado da sociedade moderno-contemporânea com a dimensão do espírito e a desvalorização do imaginário. Durand argumenta que por mais profundas que sejam as marcas do processo de "desespiritualização iconoclasta" que aflige a sociedade do Ocidente, o ofício de sapateiro revela uma das artes que concebem vínculos outros entre o indivíduo moderno e a poética dos símbolos. Por meio da linha e da agulha, o artesão une não apenas a sola à pala do calçado: a imaginação criadora o conduz a reconciliar a materialidade terrestre à transcendência do espírito (Durand, 1995). O sapato feito pelas mãos do artesão revela algo além do que apenas o acessório que protege os pés do caminhante. Mais que isso, é um dos símbolos que sugerem o percurso do mortal na terra em proximidade aos céus e ao sagrado.

A ambiência das oficinas é, portanto, túrgida de formas sensíveis (Sansot, 1983) que emergem enquanto produto do saber-fazer do sapateiro, assim como de um saber-viver que está ligado a trajetória social de cada um destes senhores. O conteúdo sensível das formas sociais (Simmel, 1983) torna-se, por sua vez, também produtor de formas outras, remodelando e adornando a existência material e subjetiva dos indivíduos: santos e santas os acompanham na rotina diária, amaciando as mãos calejadas e sujas de tinta, remediando os ferimentos do corte da lâmina e das espetadas da agulha, protegendo-os e agraciando-os com o sucesso na profissão e conduzindo-os da melhor forma possível na labuta e em seus caminhos na vida. Os sapateiros e seu próprio local de trabalho seguem então habitados por estas imagens do sagrado que constelam a experiência de fé destes homens. A atividade laboral transcende seu caráter objetivo na medida em que passa a nutrir o cotidiano da cidade com a coexistência/complementaridade (e não menos, o conflito) entre real e imaginário, conectando a materialidade do trabalho à simbólica da vida na urbe.

## Considerações Finais

Apreciar o cotidiano das oficinas de calçados em Belém sugere a compreensão de determinados aspectos e atributos característicos da arte dos calçados[24] reveladores de personagens que transbordam a tradicional efígie do artesão. As narrativas dos

[24] Proponho o termo "arte dos calçados" presente no subtítulo deste trabalho, partindo justamente da ideia de que o ofício de sapateiro constitui uma das "artes de fazer" conformadoras da dinâmica de práticas sociais da urbe moderno-contemporânea.

interlocutores da pesquisa e o próprio convívio em meio ao cotidiano de trabalho destes sujeitos, oferecem imagens da trajetória de um ofício que percorre um processo de transformações tensionado por vicissitudes/inovações e resistências/permanências. Uma atividade que aspira manter, de forma dinâmica, certos diacríticos "tradicionais", e que ao mesmo tempo admite a necessidade de incorporação de atributos "modernos". Como diria Seu Zeno: "tem que acompanhar as mudanças… tem que se adaptar".

A rítmica da cidade conflui em diferentes temporalidades. A ideia de uma linearidade cronológica enquanto desejo/imposição de um tempo objetivo se dilui na tessitura do mundo urbano, nas interseções, lacunas e descontinuidades próprias do viver a cidade. O fenômeno urbano harmoniza-se em um compasso desordenado, fruto das tensões entre o tempo vivido e o tempo pensado, que acabam por desembocar no tempo narrado das memórias dos citadinos.

Mediante as narrativas destes trabalhadores, o estudo em questão teve por perspectiva compreender as memórias envolvendo as trajetórias sociais destes indivíduos e suas experiências cotidianas vividas na urbe. Importou investigar a maneira como os sapateiros interpretam as veredas por meio das quais sua ocupação se modificou com o passar do tempo, considerando as reminiscências acerca do ofício que remontam tempos passados, buscando aderir às imagens que os próprios interlocutores enunciam através do ato de narrar.

Conciliando o saber-fazer característico do ofício e o "saber viver" que reflete sua experiência cotidiana, os sapateiros da capital paraense transformam as oficinas de calçados em espaço sensível elaborado a partir da simbólica do gesto técnico, do caráter afetivo das interações sociais e na duração do ofício atualizada por meio das memórias destes sujeitos. Em tais ambientes, os artesãos não fabricam apenas sapatos ou revitalizam calçados antigos: estes "guardiões da memória" reconstituem o "tempo bom 'pra' sapato" no ato de narrar a cidade e suas trajetórias pessoais e coletivas, reinventando a dinâmica do trabalho e redimensionando as rítmicas que conduzem a complexidade e diversidade de experiências espaço-temporais na cidade de Belém.

As reflexões aqui propostas apontam, afinal, para as formas através das quais a presença/permanência de sujeitos exercendo ofícios de caráter manual/tradicional emerge em meio às paisagens da urbe belemense. Atividades deste tipo não se mantém enquanto práticas "cristalizadas no tempo", preservando, por assim dizer, "resíduos" do passado da cidade. O que ocorre na verdade, é que os ofícios tradicionais, ao evocarem

elementos de Belém(s) de outrora, seja por meio de sua atividade laboral ou através do trabalho da memória, reelaboram os arranjos sociais e suas rítmicas temporais, compondo na poética das ações cotidianas formas outras de viver a urbe moderno-contemporânea.

## Referências

BACHELARD, G. 1978. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 355p.

____, G. 1988. As superposições temporais, in *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 85-103.

____, G. 1988. As metáforas da duração, in *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 103-118.

____, G. 1988. A Ritmanálise, in *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 119-135.

BAUDRY, P. 2006. O Urbano em movimento, in *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Organizado por H.P. Jeudy, e P. B. Jacques, pp 25-38. Salvador: Edufba.

BENJAMIN, W. 1996. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, in *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da* Cultura, pp 197-221.São Paulo: Brasiliense.

____. 2000. *Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo.* São Paulo: Brasiliense. 271p.

BOSI, Ecléa. 1994. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. 3ed. São Paulo: Cia das Letras. 484p.

CALLEJA, R. N. 1986. El oficio de Zapatero: antecedentes y tendências. *Revista Nueva Antropología*, 8(29):29-47.

CERTEAU, Michel. 1994. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes. 351p.

DURAND, G. 1989. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença. 326p.

____. 1995. *A fé do Sapateiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 233p.

ECKERT, C. & A. L. C. Rocha. 2001. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração, in *Imagem e Memória, ensaios em Antropologia visual*. M. G. P. Koury, pp. 19-40. Rio de Janeiro: Garamond.

____. 2005. *O Tempo e a Cidade.* Porto Alegre: Editora da UFRGS. 145p.

EDENSOR, T. 2010. Walking in rhytms: place, regulation, style and the flow of experience. *Visual Studies* 25(1): 69-79.

FOCILLON, H. s.d. O mundo das formas, in *A vida das formas*, pp. 11-32. Lisboa: Edições 70.

FOCILLON, H. s.d. O Elogio da mão, in *A vida das formas*, pp. 105-129. Lisboa: Edições 70.

FREIDSON, E. 1995. Para uma análise comparada das profissões: A institucionalização do discurso e do conhecimento formais, in *Anais do 19º Encontro Anual da ANPOCS*, s/p. Caxambu: ANPOCS.

____. 2001. La teoria de las profesiones. Estado del Arte. *Perfiles Educativos* 23(93): 28-43.

FRIAS, A. 2001. Une introduction à la ville sensible. *Recherches em anthropologie au Portugal*, 7:11-36.

GLUCK, M. 2003. The Flâneur and the Aesthetic: Appropriation of Urban Culture in Mid-19th-Century Paris. *Theory Culture Society* 20(5): 53-80.

HALBWACHS, M. 2006. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro. 222p.

INGOLD, T. 2010. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (s/n): 121-139.

JACQUES, P. B. 2006. Elogio aos errantes, in *Corpos e cenários urbanos*. Organizado por H.P. Jeudy, e P. B. Jacques, pp. 117-139. Salvador: EdUFBA.

____. 2008. Corpografias Urbanas. *Revista Arquitextos* 93. (s/p).

JENKS, C. & T. Neves. 2000. A Walk on the Wild Side: Urban Ethnography Meets the Flâneur. *Cultural Values* 4(1): 1-17.

LAGEMANN, Eugênio. 1986. O setor coureiro-calçadista na história do Rio Grande do Sul. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, 7(2) 69-82.

LEROI-GOURHAN, A. s.d. *O gesto e a palavra 2 - Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70.

LIMA, Jacob Carlos. Reestruturação industrial, desemprego e autogestão: as cooperativas do Vale do Sinos. *Sociologias*, Porto Alegre, 10(19): 212-249.

MAFFESOLI, M. 1998. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 232p.

____. 2006. Comunidade de destino. *Horizontes Antropológicos* 25: 273-283.

MALATIAN, T. M. 1996. Memória e identidade entre sapateiros e curtumeiros. *Revista Brasileira de História* 16(31): 193-206.

MALHEIROS, P. G. 2006. *Saber beber, saber viver: estudo antropológico sobre as representações e práticas em torno do consumo de vinho entre degustadores, na cidade de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 105p.

MOSER, Vinícius; Martins, Rodrigo Perla. 2013. Indústria, Cidades e Sociabilidades no Vale do Rio dos Sinos: 1970-1980. *XI Seminário de Estudos Históricos*. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, pp 1-21.

NUNES, Margarete Fagundes et al. 2013. "Era um hino de fábrica apitando": a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil. *Etnográfica*, 17(2): 269-291.

ORTNER, Sherry B. 2005. Subjectivity and cultural critique. *Anthropological Theory*, 5(31): 31-52.

____. 2007. Uma atualização da teoria da prática. Poder e projetos: reflexões sobre a agência, in *Conferencias e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. GROSSI, M et alli (orgs). Blumenau, Nova Letra, pp 45-80.

ROCHA, A. L. C. & C. ECKERT. 2003. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *Iluminuras* 4(7): (s/p).

____. 2010. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. *Revista Rua* 16(1): 121-146.

____. 2011. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. *Política & Trabalho* 34(s/n): 107-126.

ROCHA, M. C. M. G. & F. L. A. Silveira. 2013. "Como vai ser o corte?": as memórias do barbeiro Henrique no bairro do Comércio, Belém – PA. *Iluminuras* 14(34): 231-252.

ROCHA, M. C. M. G. 2014. *A Memória Coletiva e o Ofício de Sapateiro em Belém-PA: As narrativas de Mestres e Aprendizes da Arte dos Calçados*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém. 101p.

SANSOT, P. 1983. *Les formes sensibles de La vie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.

____, P. 1996. *Poétique de La ville*. Paris: Petite bibliotèque Payot.

SENNETT, R. 2009. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record. 360p.

SILVEIRA, F. L. A. & C. D. Cancela. 2009. *Paisagem e cultura. Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém: EdUFPA. 243p.

SILVEIRA, F. L. A & P. P. A. M. Soares. 2007. Etnografia do mundo urbano de Belém (PA): considerações sobre as transformações nas paisagens do distrito de Icoaraci. *Anthropológicas* 18: 237-270.

____. 2005. *Paisagens Culturais e Trajetórias Sociais. Estudo Antropológico de fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém-PA.* Projeto de Pesquisa.

____. 2008. Belém Fantástica, Belém da memória, in *Conheça Belém, co-memore o Pará*. Organizado por J. F. Beltrão & A. O. Vieira Junior, pp 110-116. Belém: EDUFPA.

____. 2009. A Paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar, in *Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade*. Organizado por F. L. A. Silveira & C. D. Cancela, pp. 71-83. Belém: EDUFPA.

SILVEIRA, F. L. A. & Rocha M. C. M. G. 2013. O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memórias e paisagens arruinadas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 8(1): 169-182.

SIMMEL, G. 1979. A Metrópole e a Vida Mental, in *O Fenômeno Urbano*. Organizado por O. G. Velho, pp 11-25. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

____. 1983. *Georg Simmel: Sociologia*. Col. Grandes Cientistas Sociais, vol, 34. Evaristo de Moraes Filho (org). São Paulo: Ática. 192p.

____. 1996. A Filosofia da Paisagem. *Política & Trabalho* 12: 15-24.

____. 2005. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana* 11(2): 577-591.

VEDANA, V. 2013. Fazer a Feira e ser Feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Horizontes Antropológico* 19(39): 41-68.

VELHO, G. 1981. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 149p.

____. 1999. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 137p.

Recebido em: 15/09/2014
Aprovado em: 17/11/2014